

**EXPLORANDO OS CAMINHOS DO TEXTO E DA LEITURA:  
ANÁLISE DA CRÔNICA “CIRCUITO FECHADO”, DE RICARDO  
RAMOS: PERCEPÇÕES BASEADAS NOS ESTUDOS DE KOCH E  
LÉVY**

Patrícia Peres Ferreira Nicolini <sup>1</sup>  
Analice de Oliveira Martins <sup>2</sup>

**RESUMO**

A proposta deste trabalho é a análise da crônica ‘Circuito Fechado’, de Ricardo Ramos (1998), esse texto foi escolhido pela sua “carpintaria” textual: uma sequência de substantivos que corroboram para uma narrativa em fluxo frenético. O objetivo desta análise é ratificar o conceito de texto defendido por Koch (2005, 2015 e 2016) e de Lévy (1996). Dessa forma, a análise da crônica “Circuito Fechado” orienta-se com o pressuposto de que autor, texto e leitor são agentes de uma ação dialética capaz de cruzar vários discursos e linguagens proporcionando inúmeras possibilidades de mediação e interações sociais e culturais geradoras de conhecimento. Trata-se de uma tarefa complexa, visto que o texto é ambiente para a interação dialógica de sujeitos sociais (autor-leitor), os quais se constituem e são constituídos no texto. A análise também é fundamentada pelos pressupostos teóricos de Geraldi (2002), Klemain(2004) e outros autores.

**Palavras-chave:** Texto, Leitura, Interações, Leitor, Autor

**INTRODUÇÃO**

A proposta deste ensaio é a análise da crônica ‘Circuito Fechado’, de Ricardo Ramos (1998), esse texto foi escolhido pela sua “carpintaria” textual: uma sequência de substantivos que corroboram para uma narrativa em fluxo frenético. O objetivo desta análise é ratificar o conceito de texto defendido por Koch (2005, 2015 e 2016) no qual o texto é compreendido como:

[...] uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos coenunciadores, durante a atividade verbal, de forma que lhes permiti, na interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (cf.Koch, 1992) (Koch, 2016,p.27).

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), [patricianperes@gmail.com](mailto:patricianperes@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Professora do Programa em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) , [analice.martins@terra.com.br](mailto:analice.martins@terra.com.br)

A proposta desta análise também corrobora com os pressupostos teóricos de Lévy (1996), nos quais o autor afirma que o texto é uma entidade virtual e abstrata que se atualiza por meio da leitura. Dessa forma, Lévy (1996) aproxima o conceito de virtual do próprio conceito de texto, vinculando a leitura à passagem do virtual ao atual estabelecendo novos vínculos entre os procedimentos ligados à virtualização, neste caso a atualização, e um mecanismo ligado à linguagem verbal. O autor postula que o texto é repleto de vazios que estimulam o desdobrar de seus múltiplos sentidos. Conforme Lévy (1996):

Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma platitude inicial, este ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos (Lévy, 1996, p.36).

Nesse contexto, segundo Lévy (1996), na interpretação de um texto ocorre uma cascata de atualizações por parte do leitor, isto é, no contraste com a subjetividade, o texto acaba por servir de interface com nós (leitores) mesmos. Tal concepção é semelhante ao conceito de leitura de Koch (2015) e Elias (2015): uma atividade interativa entre leitor-texto-autor, uma ação dialética muito complexa em que o sentido do texto é produzido com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na organização textual, requerendo também a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos no interior desse evento comunicativo.

## ANÁLISE DO OBJETO DISCURSIVO E RESULTADOS ALCANÇADOS

Segundo Geraldi (2002), considerar a linguagem um processo interlocutivo pressupõe admitir que, no sentido sociolinguístico, a língua não é uma unidade estática e acabada, que ela é utilizada pelo sujeito de acordo com a sua necessidade no momento de interação, sendo constantemente reconstruída no próprio processo interlocutivo. Nesse sentido, o trabalho social e histórico da linguagem, nesse processo interativo, constitui os sujeitos sociais, visto que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico.

Nessa perspectiva, a análise da crônica “Circuito Fechado” orienta-se com o pressuposto de que autor, texto e leitor são agentes de uma ação dialética capaz de cruzar vários discursos e linguagens proporcionando inúmeras possibilidades de mediação e interações sociais e culturais geradoras de conhecimento. Trata-se de uma tarefa complexa, visto que o texto é ambiente para a interação dialógica de sujeitos sociais (autor-leitor), os quais se constituem e são constituídos no texto. Quando Lévy (1996) aproxima o conceito de texto ao conceito de virtual, o autor também postula que o texto/a virtualização é um complexo problemático, “um nó”, “um feixe de ideias” e que a atualização é a solução criativa para desatar esse “nó”.

Para melhor análise dos pressupostos teóricos abordados, segue o texto de Ricardo Ramos (1998):

#### CIRCUITO FECHADO

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço. Relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos, jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia. Água. Táxi, mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(RAMOS, Ricardo (1998). Os melhores contos. São Paulo: Global Editora)

Olhar superficialmente a estrutura textual da crônica “Circuito Fechado” pode levar o leitor a compreensão equivocada de que esse texto é apenas uma série de palavras justapostas, que nem mesmo chegam a formar frases completas devido à ausência de elementos coesivos. Todavia, ao analisar o texto de forma mais cuidadosa, é possível estabelecer relações semânticas entre os substantivos encadeados e verificar que, por meio dessa organização aparentemente caótica, há coerência no texto, apesar de não haver elementos coesivos. Isso acontece porque a associação dos mecanismos internos com os fatores contextuais e sócio-

históricos ajuda na construção da significação desse texto, uma vez que faz parte da memória um conjunto de ações diárias relativas às situações descritas no texto, por exemplo: acordar, fazer a higiene pessoal, vestir-se para o trabalho e tomar o café da manhã. Dessa maneira, esse aparente aglomerado de substantivos passa a fazer sentido e torna o texto coerente.

Conforme Koch e Elias (2015), a leitura dessa estrutura textual é possível, porque o processo de leitura ocorre devido a uma interação dialógica entre autor-texto-leitor em que o leitor interage pela articulação de esquemas cognitivos embasados em conhecimentos armazenados na memória. As autoras ressaltam que a compreensão é construída na interação sujeitos-texto. Dessa forma, o contexto é necessário para a produção de sentido, uma vez que todo e qualquer texto não dá conta de tudo explicitar. Nele haverá sempre lacunas e implícitos que, segundo as autoras, só serão preenchidos pela interação do contexto sociocognitivo dos autores sociais envolvidos no processo de leitura.

O contexto sociocognitivo é constituído por conhecimentos linguísticos, esquemas cognitivos, bagagem cultural e circunstâncias de produção textual, isto é, o contexto é todo conhecimento linguístico ou extralinguístico que, de alguma forma, contribuirá para determinar a construção de sentido, o que as autoras chamam de bagagem-cognitiva. Na leitura atenta de “Circuito Fechado” percebe-se que na sequência de palavras que compõem o texto, nenhuma delas é um verbo que denote ação ou estado. Todas as palavras denotam elementos e atos que fazem parte de uma rotina muito conhecida para quem vive nos centros urbanos. É por meio desses conhecimentos prévios que o leitor aciona o campo semântico dos substantivos, permite-o até inferir que muitas palavras retratam o universo masculino que se delineia em cenas cotidianas, provavelmente de um executivo da área de publicidade. Kleiman (2004) também acredita que a leitura é um ato social entre os interlocutores -leitor e autor - que interagem. Logo, a compreensão de um texto é um processo caracterizado pela utilização de conhecimentos prévios. Resumidamente, o leitor recorrerá a seus conhecimentos prévios para dialogar com o texto, preencher as lacunas dos implícitos, formular hipóteses, consolidar inferências e alcançar o sentido do texto. Para a autora, os conhecimentos prévios seriam os conhecimentos linguísticos, conhecimentos textuais e conhecimentos de mundo já existentes na estrutura cognitiva do sujeito.

O leitor possui conhecimentos prévios sobre o que é uma rotina pesada de trabalho, a mente humana está repleta de “arquivos de memórias” das mais diferentes experiências físicas ou emocionais relacionadas a essa informação. Kleiman (2004) chama de “esquemas” todo conhecimento parcial estruturado na memória sobre assuntos, situações ou eventos. Sendo assim, o leitor ativa seus conhecimentos prévios e preenche as lacunas, o texto apresenta indícios, por exemplo, na crônica “Circuito Fechado”, a estrutura textual permite um fluxo narrativo ininterrupto, como se reproduzisse a ausência de pausas entre as ações diárias e a escassez de tempo para desfrutar o essencial.

Para Lévy (1996), esses recortes de referências, de memórias e tudo que o leitor pode associar a leitura é chamado de hipertexto, isto é, uma espécie de gama de textos potenciais que podem ou não vir se realizar de acordo com a interação entre texto e leitor. Dessa forma, o hipertexto adquire as características da virtualização, ou seja, passa a ser um multiplicador de ocasiões de produção de leitura, principalmente quando agrega um grande número de pessoas em interação. O leitor recorre aos seus conhecimentos prévios, aos seus hipertextos para expandir os campos semânticos em que os vocábulos da crônica se circunscrevem permitindo identificar os vários momentos do dia: a higiene matinal, o ato de vestir-se, a leitura do jornal, o café, o trajeto e o transporte, o expediente no escritório, o cafezinho, a ida ao banheiro, o

almoço, a escovação dos dentes, a volta ao escritório, o trabalho, o retorno a casa, o jantar, a TV, o despir-se e a hora de dormir (sozinho).

Ativar conhecimentos prévios é essencial para a compreensão, porque são os conhecimentos que o leitor possui sobre o assunto que lhe permitirão realizar as inferências necessárias para relacionar diferentes passagens do texto em um todo coeso. Por isso, o leitor é capaz que inferir que alguns elementos se repetem entre e durante cada instante descrito na crônica, por exemplo: cigarro, fósforo e relógio, no intuito de demonstrar a compulsão do vício e o registro constante de um tempo controlado, sistematizado.

Nessa perspectiva, é a partir dessa virtualização que o campo semântico de algumas palavras sugere a profissão da possível personagem, como por exemplo: cavalete, esboços de anúncios, fotos, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, prova de anúncio, uma vez que tais palavras denotam objetos ligados, provavelmente, a uma agência de publicidade. Nessa composição dos ambientes doméstico e profissional, objetos utilitários e de decoração aparecem como sinalizadores da condição social do protagonista. Apesar da caracterização da personagem não estar explícita na trama, há um sujeito presente, sem identidade, massificado no espaço profissional que automatiza a rotina e condiciona a vida ao trabalho, o que é típico da sociedade urbana contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um exercício de interação comunicativa. Nessa interação, o contexto é fundamental, a mente é capaz de compreender perfeitamente a crônica, apesar de ela não ter nenhum verbo. Os esquemas ativados contêm conhecimentos prévios suficientes para preencher as lacunas e tornar o texto interpretável. Sujeitos que, por algum motivo, não tivessem nenhuma experiência em relação ao que fosse uma rotina pesada de trabalho em um centro urbano, devido a seu repertório cultural ou a suas interações com o mundo, certamente, teriam dificuldades para compreender o texto.

O conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento da compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado, o mero passar de olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar. (KLEIMAN, 2004, p.26-27)



Portanto, conforme Koch (2005,2015 e 2016) e Lévy (1996), o texto não é um produto acabado, a atitude do leitor nunca pode ser de passividade. O leitor precisa se posicionar diante do texto, formular hipóteses, imaginar e predizer temas.

## **REFERÊNCIAS:**

GEALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, S.P: Pontes, 9ª edição, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça, 1933. **Desvendando os segredos do texto**.4. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**.10 ed. 4ª impressão – São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. 11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?**. Rio: Editora 34, 1996.

RAMOS, Ricardo . **Os melhores contos**. São Paulo: Global Editora, 1998.